



Noemi Jaffe  
O Que os Cegos  
Estão Sonhando?

RELÓGIO D'ÁGUA

Relógio D'Água Editores  
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15  
1000-282 Lisboa  
tel.: 218 474 450  
fax: 218 470 775  
relogiodagua@relogiodagua.pt  
***www.relogiodagua.pt***

*O Que os Cegos Estão Sonhando?* © 2014 Noemi Jaffe

Publicado por acordo especial com The Ella Sher Literary Agency [www.ellasher.com](http://www.ellasher.com),  
em conjunto com Villas Boas & Moss Literary Agency & Consultancy

Título: *O Que os Cegos Estão Sonhando?* (2012)  
Autora: Noemi Jaffe  
Apresentação: Noemi Jaffe  
Tradução do *Diário de Lili Jaffe (1944-1945)*: Aleksandar Jovanović  
Texto final: Leda Cartum  
Revisão de texto: Anabela Prates Carvalho  
Capa: Carlos César Vasconcelos ([www.cvasconcelos.com](http://www.cvasconcelos.com))

© Relógio D'Água Editores, junho de 2016

Este texto segue o novo Acordo Ortográfico.

Encomende os seus livros em:  
**[www.relogiodagua.pt](http://www.relogiodagua.pt)**

ISBN 978-989-641-611-9

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores  
Impressão: Europress, Lda.  
Depósito Legal n.º: 410557/16

Noemi Jaffe

# O Que os Cegos Estão Sonhando?

Com o Diário de Lili Jaffe (1944-1945)  
e texto final de Leda Cartum

Fora de Coleção

## DESTINO

*Quando eu cheguei no campo, estava com um vestido xadrez azul, de saia rodada. Os alemães pediram para nos despirmos e fizeram uma montanha com todas as nossas roupas. Depois da desinfecção, devíamos pegar, ao acaso, qualquer roupa do meio daquela pilha. Peguei justamente aquele meu vestido xadrez.<sup>42</sup>*

Ela acredita plenamente no destino. Para ela, como para todos os que creem nele, o destino é uma força que determina por antecipação os acontecimentos na vida de todos os seres. Nada é casual. Senão, segundo sua opinião, ela não estaria viva, não teriam acontecido os lances de sorte que a fizeram sobreviver. Para ela, o destino não é necessariamente deus, mas também poderia ser. Talvez seja como uma divindade; ela não se pergunta sobre o estatuto daquilo em que simplesmente acredita e não quer nem pensar em discutir sobre isso. *Não se discute crença*. O destino era desafiado pelos personagens das tragédias gregas, que eram punidos pela rebeldia. Ao destino deve-se somente submeter-se; nem pensar sobre ele, nem buscar construí-lo autonomamente, nem desafiá-lo. Ele já está prescrito e ocorrerá por bem ou por mal. O destino é aquilo que se passa; é o lugar para onde se vai. O que se passa se passa; vai-se para o lugar para onde se vai, mesmo que os caminhos sejam desconhecidos, indesejados ou tortuosos. Os personagens trágicos vestiam-se com roupas de bode, daí o nome *tragédia*, de *tragos*, bode. Seu canto, *odia*, se aproxima do canto de um animal caprino em agonia, na proximidade da morte; um canto alcoolizado, dionisíaco,

de alguém cuja morte não assusta, por causa do estado de inconsciência. É o bode expiatório, que provoca a catarse, sentimento de terror ou compaixão naquele cujas culpas estão sendo expiadas por quem ousou desafiar o que fatalmente acontece: o destino. Assim, os espectadores trágicos, expiados, purgados, saem da tragédia mais limpos e temerosos em desafiar aquilo que se passa. Destino, fatalidade, facto. O destino é um facto e factos não se discutem.

Parece fácil compreender por que ela acredita no destino de forma tão sagrada, intocável. Como se essa crença a ajudasse também a expiar a culpa de ter sobrevivido, como se fosse uma explicação para tudo: tanto para a morte dos outros como para sua sobrevivência. Essa fé também a teria ajudado a construir a pirâmide do esquecimento, a partir da qual ela parece ter conseguido sobreviver da melhor forma possível. Se tudo já estava previsto, é mais concebível esquecer ou mesmo sobreviver. Mas não deve ser uma tarefa fácil. Mesmo que lembrar ou desacreditar da fatalidade soe mais doloroso ou complexo, atribuir tudo a forças estranhas, já traçadas, também não é simples. É uma dor de corte, de lâmina fixa, de impossibilidade de vislumbre além do facto. É uma renúncia ao gesto, à memória do passado e do futuro, uma mudez, uma impotência, uma entrega total. Pode ser ainda mais duro do que não acreditar em nada. Às vezes penso que sofro mais agora do que quando passei por tudo; eu era tão inocente.

Acreditar, ou talvez aqui a palavra não seja acreditar, mas entender — entender que o facto de ela ter encontrado o mesmo vestido como um acaso e não como destino é mais bonito, mais fácil e talvez mais poético. O acaso é um destino às avessas; o lado de dentro do destino, sua costura colocada à mostra. São as travessuras que caminham por dentro do destino, desafiando-o continuamente, sem nunca receberem punição. O destino não consegue alcançá-las, de tão pequenas. O acaso também exige uma entrega e uma espécie de crença; estamos sempre sujeitos a ele, não importa o que se tente fazer. Só que ele permite uma folga maior de ação, ou melhor, ele dá mais liberdade às pessoas. Quando o acaso acontece, ele também é um facto incontestável. A diferença é que poderia ser outro, não necessariamente aquele. O que faz, no caso do acaso, com que um facto seja um facto é somente uma série de circunstâncias acidentais. Assim, achar

o próprio vestido, quando recoberto pelo acaso, fica carregado de um não-sentido que é somente de beleza, de possibilidade, de astúcia do acidente. Uma mistura de verdade e mentira. Tanto que, certamente, o vestido não deveria ter a saia rodada. Por que alguém iria até o campo de concentração com uma saia rodada? Como a saia se manteria rodada depois de uma viagem tão extensa e torturante? A saia rodada aparece nessa história por conta do sonho, da história fabulosa que é a mãe ter encontrado o próprio vestido.

Há muitas coisas na sua história que são impossíveis de compreender, quando pensadas separada e detalhadamente. Então os alemães permitiram, depois da desinfecção, que as prisioneiras vestissem uma roupa qualquer? Não foram todos imediatamente se vestir com o uniforme de prisioneiros? Pode ser que ela o tenha usado apenas por um dia; pode ser que tenha sido obrigada a fazer um uniforme a partir de vestidos usados e pode ser que esta história tenha acontecido em outra situação. Nada disso tem a menor importância. É maravilhoso que ela o tenha encontrado, que ele seja azul e xadrez e até mesmo que ela não saiba rememorar exatamente esta, como tantas outras histórias.

O facto, ou destino (ou facto é destino?), é que este parece ser apenas um de muitos acasos, sortilégios do acidente, que aconteceram com ela e que anunciavam, simbolicamente, uma conspiração de sinais que permitiram a ela sobreviver. (A sorte é uma cadeia de acasos manipulados também pela pessoa sortuda, que os acolhe e os administra de tal forma que eles continuem acontecendo a seu favor.)

Por que alguns tiveram sorte e outros não? Por que as felizes coincidências só ocorreram a tão poucos? Eles eram escolhidos? Não, certamente não. Seria o pensamento mais sórdido para alguém que pensa sobre a guerra. Ela mesma admite a mão do destino, mas não quer comentar e não aceita que tenha sido escolhida; seria, segundo ela, muita presunção. Não sabe o porquê; só aceita. Para ela, deve ter havido alguma razão. Talvez a única razão seja a forma como cada um pôde e soube lidar com os acasos, aproveitar as mínimas oportunidades. Talvez nem isso. Tantos astuciosos morreram e ela mesma sempre foi tão inocente. Dizem que a sorte abençoa os tolos; quem não espera conseguir é o único que consegue. Ela não esperava mais nada, mas provavelmente ninguém esperava mais.